

Globalização e Desigualdades: um olhar crítico sobre a Era da Conectividade

Daniel Nascimento Xavier¹, Susan Lewis²

¹Graduando em História pela Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte. E-mail: daniel.nxavier@upe.br

² Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco (Campus Mata Norte). E-mail: susan.lewis@upe.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar os processos associados ao desenvolvimento da globalização, sobretudo a partir de 1980, e refletir sobre as consequências que afetaram o mundo contemporâneo em um contexto global. Com o surgimento da internet e seu crescimento acelerado, bem como o estabelecimento de uma reconfiguração do poder entre os países, a sociedade contemporânea adotou um caráter eminentemente conectivo, estabelecendo não apenas um novo lócus, como novas transformações em escala mundial. Apesar dessas transformações, as desigualdades e as problemáticas atreladas às questões sociais não apenas persistiram ao longo das últimas décadas, mas se aprofundaram, trazendo novos desafios em sociedades imagéticas, movidas pelo acúmulo de capitais, pelo incentivo ao consumo ilimitado e pela imersão nas redes sociais que, antes de tudo, fazem parte da engrenagem de poder do sistema capitalista e de sua sociedade do espetáculo.

Palavras-chave: Desigualdade Social, Consumo, Globalização.

Abstract

This study aims to analyze the processes associated with the development of globalization, particularly from 1980 onwards, and reflect on the consequences that have affected the contemporary world in a global context. With the emergence of the internet and its rapid growth, as well as the reconfiguration of power relations among countries, contemporary society has

taken on an inherently connected character, resulting not only in a new locus but also in new global transformations. Despite these changes, social inequalities and the issues related to them have not only persisted over the past decades but have also deepened, presenting new challenges in image-driven societies fueled by capital accumulation, unlimited consumption, and immersion in social networks. These networks, first and foremost, are part of the power machinery of the capitalist system and its society of spectacle.

Keywords: Social Inequality, Consumption, Globalization.

Globalização e as Desigualdades Sociais

Para compreender os processos associados à globalização e as desigualdades sociais decorrentes desse fenômeno, é necessário recuar no tempo e analisar sua estruturação como um processo de integração econômica, política e cultural em escala mundial, capaz de intensificar o fluxo de bens, serviços, capitais e informações. Por outro lado, conforme Bauman (1998), a globalização também gera novas formas de exclusão, ao beneficiar uma elite global enquanto marginaliza amplos segmentos da população que não tem acesso às mesmas oportunidades.

Assim, é preciso conceituar a ideia de globalização e atentar para os debates em torno de suas muitas interpretações. Sobre isso, Milton Santos (2001) destaca a necessidade de transformar o “pensamento único” em uma “consciência universal”, a partir da análise desse fenômeno como sendo amplo, complexo e fundamentalmente desigual. Dessa forma, o autor propõe três perspectivas para compreender esse processo: a globalização como fábula, caracterizada pela narrativa midiática que promete prosperidade e integração; a globalização como perversidade, que revela as consequências negativas e desiguais do processo; e a globalização como possibilidade, que sugere caminhos para uma nova forma de globalização baseada em valores mais justos e inclusivos (Santos, 2001, p. 18).

Para contextualizar esses debates, é essencial compreender as origens, o desenvolvimento e as consequências da globalização ao longo da história. Santos (2001) identifica duas fases principais: a primeira, conhecida como a Globalização do Colonialismo, que se inicia com as “descobertas” e “conquistas” territoriais, marcada pela expansão e ocupação de novos territórios; e a segunda fase, que emerge no final do século XX, caracterizada pela fragmentação dos territórios e pela diminuição das distâncias, principalmente em função do avanço das tecnologias de comunicação e transporte. Essa segunda etapa é associada ao consumismo exacerbado, uma vez que a globalização se torna o “ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (Santos, 2001, p. 23).

Dessa forma, Milton Santos argumenta que a globalização está intrinsecamente ligada ao capitalismo, pois ambos operam de maneira interdependente, onde os elementos estruturais de um alimentam o funcionamento do outro (Santos, 2001, p. 18). Nesse cenário global, observa-se um sistema de organização social que é, ao mesmo tempo, acelerado e desigual, impactando diversas esferas, inclusive a educacional e governamental, sob à ótica do discurso neoliberal. Discurso que impõe a necessidade do desgaste e da capacitação mecanicista de produtividade, o que afeta os aspectos físicos e emocionais dos trabalhadores, evidenciada pela crescente incidência da Síndrome de Burnout.

No contexto do mercado de trabalho, a globalização intensifica o desemprego e agrava a precarização das condições de vida, gerando um cenário de incerteza. Enquanto as elites econômicas buscam incessantemente acumular capital e poder, a maioria da população mundial enfrenta uma luta diária pela sobrevivência. Essa desigualdade extrema é ilustrada pela observação de Arundhati Roy, citada por Bauman, “enquanto a elite, em algum lugar do topo do mundo, busca viagens e destinos imaginados, os pobres são apanhados numa aspiral de crimes e caos” (Bauman, 2021, p. 14).

Essa perspectiva associada à conjuntura atual do mercado é discutida também por Zygmunt Bauman em sua obra *Tempos Líquidos*, na qual o autor evidencia uma realidade

marcada pela marginalização daqueles que se encontram fora do mundo do trabalho. Segundo o Bauman, o desemprego deixou de ser uma condição temporária, que pressupõe um afastamento breve da norma de estar empregado, para se tornar um estado de “redundância”, referindo-se à condição em que determinados grupos de pessoas passam a ser considerados como excedentes em relação ao funcionamento do sistema econômico e social. Nesse contexto, os indivíduos desempregados são vistos como supérfluos, inúteis e não empregáveis, condenados a uma situação de inatividade econômica permanente. Ainda segundo Bauman (2021, p. 75), ao invés de simplesmente estar “desempregado”, esses indivíduos são rotulados como descartáveis, alocados à margem da sociedade, como resíduos do “progresso econômico” contemporâneo. Essa visão reflete uma exclusão estrutural que vai além da simples ausência de emprego, indicando uma nova forma de segregação social em um mundo que valoriza cada vez mais a produtividade e o consumo.

Em outras palavras, para o capitalismo, o desempregado – seja ele uma pessoa em situação de rua ou por vezes um trabalhador informal – é invisível, mais ainda se não consumir, direta ou indiretamente no mercado, pois não produz nem participa do processo de produção e tampouco é consumidor significativo para o modo de produção capitalista. No caso das pessoas em situação de rua, sem documentos de identificação ou cadastros, tornam-se inexistentes para o sistema.

Não bastasse o descaso com essas pessoas, é importante perceber como elas estão sujeitas a vários tipos de vulnerabilidades e violências. Considerando o Brasil, segundo o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), entre janeiro e abril de 2024 o Brasil registrou 6.177 denúncias de violações de direitos contra pessoas em situação de rua, representando um aumento de 24% em comparação com o mesmo período de 2023, quando foram reportados 4.962 casos. Esses dados foram obtidos por meio do Disque 100 e destacam tipos de violência como maus-tratos, abandono, tortura e constrangimento. Além disso, conforme diagnóstico do IBGE, a população em situação de rua no Brasil ultrapassa 236 mil pessoas, sendo 87% homens e 68%

negros, o que evidencia a interseção de raça, gênero e classe nas condições de vulnerabilidade desse grupo.

Apesar dos números alarmantes, o debate sobre o tema permanece recôndito entre as populações movidas pelo consumo, pelo capitalismo e pelo imediatismo da globalização junto às novas configurações do poder mundial. Presas a estas realidades, ignoram o mundo a sua volta, e as misérias existentes em outras partes do globo.

O historiador Nicolau Sevcenko analisa as transformações que ocorreram nas diversas etapas do desenvolvimento capitalista. Para ele, é na passagem do XX para o século XXI que ocorre o ápice da aceleração, onde as mudanças tecnológicas são geradas em uma escala sem precedentes na história, em ritmo tão vertiginoso que torna incompreensível os novos rumos que se vão formando. Além disso, o autor ainda ressalta que com o advento do “pensamento único” ou das denominadas políticas neoliberais, passou a prevalecer a ideia do enfraquecimento dos Estados e a abertura das fronteiras ao jogo livre do mercado e das finanças internacionais, desregulamentando os mecanismos de proteção à economia nacional ou às garantias dos trabalhadores (Sevcenko, 2001, p. 42).

Assim, é possível identificar uma nova configuração da globalização que se consolidou a partir da década de 1970, caracterizada pela expansão das grandes corporações transnacionais. Esse período marca a reestruturação econômica global, na qual as empresas multinacionais ampliaram seu alcance, estabelecendo filiais em diversas regiões do planeta (Sevcenko, 2002, p. 28). Com isso, essas incorporações adquiriram um poder de barganha significativo, capaz de influenciar políticas econômicas e sociais dos países onde atuam. Ainda conforme o autor, ao buscarem atrair investimentos estrangeiros, os governos passaram a oferecer vantagens como isenções fiscais, subsídios e outras garantias, tornando-se reféns dos interesses desses conglomerados.

Essa dinâmica criou uma relação assimétrica, na qual os Estados e suas sociedades ficaram subjugados às demandas do capital globalizado, evidenciando a crescente subordinação

das economias nacionais às forças do mercado global e intensificando as desigualdades socioeconômicas.

Sevcenko evidencia que a ótica do consumo se torna um elemento central nas sociedades contemporâneas, transcendendo a mera satisfação de necessidades para se tornar uma expressão de identidade e status social. Impulsionado pela expansão das corporações transnacionais e pela cultura de massa, o consumo passou a ser promovido como símbolo de sucesso, moldando comportamentos e desejos através da publicidade. Sevcenko critica esse modelo por intensificar as desigualdades sociais, uma vez que ele faz uma distinção entre os indivíduos que têm acesso ao mercado global e aos bens de luxo daqueles que são excluídos desse sistema, agravando a frustração e as barreiras sociais em um mundo cada vez mais marcado pelas disparidades econômicas (Sevcenko, 2001, p. 75).

O consumo exacerbado e as práticas mercadológicas são cada vez mais sobrepostos aos ideais coletivos. Para Eric Hobsbawm, a transformação mais perturbadora advinda do século XX se dá através da desintegração de padrões de relacionamentos humanos outrora estabelecidos, a quebra dos laços que unem gerações distintas, ou seja, o passado e o presente. Esta quebra gerou, em sua observação, sociedades egocêntricas, hedonistas e imersas em um individualismo associal absoluto (Hobsbawm, 1995).

Importante considerar que as visões de mundo são constituídas a partir de um lugar e das condições a ele relacionadas. No documentário *O mundo global visto do lado de cá*, Milton Santos considera que “o mundo é o que se vê de onde se está” (Santos, 2005), ou seja, ele explora a ideia de que nossa compreensão de mundo é moldada pela nossa perspectiva geográfica e experiências pessoais vividas em nossas vidas, a partir das condições sobre as quais possuímos.

Assim, é preciso pensar amplamente na busca da desconstrução de noções enraizadas, sobretudo as que estão relacionadas à ideia de “meritocracia”, sob a perspectiva que defende que o sucesso e as recompensas são baseados nos méritos pessoais, como conhecimentos, habilidades,

e esforços, sem levar em consideração as realidades sociais que formam os indivíduos. Sidney Chalhoub, em entrevista concedida ao Jornal da Unicamp, menciona que:

A meritocracia como valor universal, fora das condições sociais e históricas que marcam a sociedade brasileira, é um mito que serve à reprodução eterna das desigualdades sociais e raciais que caracterizam a nossa sociedade. Portanto, meritocracia é um mito que precisa ser combatido tanto na teoria quanto na prática. Não existe nada que justifique essa meritocracia darwinista, que é a lei da sobrevivência do mais forte e que promove constantemente a exclusão de setores da sociedade brasileira (Chalhoub, Entrevista, 2017).

Dessa forma, as ideias relacionadas à meritocracia surgem para legitimar as diferentes formas de desigualdade social, já que ao reproduzir discursos como esses, acabamos por romantizar e deslegitimar as problemáticas advindas do debate, subtraindo a responsabilidade das esferas estatais em combater essas desigualdades através de políticas públicas, e das classes pobres de lutar por melhores condições de vida e acesso às mesmas oportunidades de ascensão social.

Na obra *Long Walk to Freedom*, Nelson Mandela fala sobre a história de sua vida e aborda vinte e sete anos que passou na prisão por sua luta contra o apartheid, na África do Sul. O título reflete a jornada pessoal e política de Mandela, e a obra é um testemunho da resistência e do compromisso dele com a igualdade e a justiça, sendo considerada como uma fonte de inspiração para muitos leitores que avaliaram a sua vida e o seu trabalho.

Mandela é um exemplo claro de que a meritocracia não funciona, já que em sua realidade não havia oportunidades iguais para subsidiar os esforços individuais, mas sim o privilégio de poucos em detrimento do sofrimento de muitos. Não é difícil enxergar a desigualdade social acompanhada da questão racial, pois ela está em todos os lugares, variando somente pela forma como se apresenta. Seja no condomínio, onde funcionários são proibidos de utilizarem o elevador social ou na rua enquanto uma criança limpa os para-brisas dos carros, sujeitas a indiferenças ou mesmo a agressões por parte dos motoristas, a desigualdade se apresenta de forma cruel

cotidianamente. Na literatura, na música, nos jornais e nas pautas governamentais muito se ouve falar em “fome” e “miséria”, mas o problema persiste ao longo da história no país.

Retornemos a Zygmunt Bauman, que nos apresenta as mudanças ocorridas nas partes “desenvolvidas” do planeta, sobre as quais se desdobram uma série de desafios inéditos atrelados à globalização. Além da passagem da fase “sólida” para a “líquida”, a sociedade contemporânea é movimentada pelo consumo, pois aquele que não consome simplesmente não existe, ou não faz parte do jargão social de um século como o XXI.

Em *Vida Para Consumo* (2008), o sociólogo polonês analisa como a sociedade se transformou em mercadorias de consumo, e como o mercado influi sobre os desejos e subjetividades individuais dentro dessa cultura global. Sobre essa passagem de século, Nicolau Sevcenko realiza uma análise metafórica da transição ocorrida para o século XXI, comparando-a com os movimentos de uma montanha-russa.

O autor discute a mudança estrutural da sociedade, começando com uma fase de ascensão tranquila, marcada por ordem e progresso através do desenvolvimento tecnológico, seguida por uma queda brusca impulsionada por novas teorias científicas e tecnológicas. Somado a isso, ele traz a reflexão sobre as perspectivas de historicidade que fundamentam a tríade Estado, mercado e sociedade, e o enfraquecimento do poder do Estado em detrimento das técnicas modernas.

Baumann e Sevcenko compartilham de ideias semelhantes sobre a separação entre poder e política. O primeiro com relação à discussão da modernidade líquida e como ela leva a essa separação, havendo assim o descolamento do poder para um espaço global, e a política permanecendo em âmbitos mais locais; e o segundo com relação a essa passagem de século e a tríade que manifestam essa condição.

Após nos guiar pela experiência de um passeio numa montanha-russa, o autor relaciona a metáfora com a realidade contemporânea:

Ao chegar ao fim, desfigurados, descompostos, estupefatos, já assimilados a lição da montanha-russa: compreendemos o que significa estar exposto às forças naturais e históricas agenciais pelas tecnologias modernas. Aprendemos os riscos implicados tanto

em se arrogar o controle dessas forças, quanto em deixar-se de modo apatetado e conformista por elas (Sevcenko, 2001, p. 13).

Nessa conjuntura, para que possamos entender o capitalismo e as desigualdades sociais de maneira ampla e não homogeneizante, precisaremos refletir sistematicamente sobre vários aspectos e perspectivas, continuidades e discontinuidades, a noção desses conceitos e como isso impacta a nossa vivência na atualidade. Também é importante entender as bases para o desenvolvimento desse sistema e sua relação com a mídia e sua incorporação no mundo tecnológico, bem como o seu surgimento e evolução como modelo econômico vigente: para alguns, eficiente; para outros, desigual. Assim sendo, passamos agora a falar de capitalismo.

Capitalismo, Redes Sociais e o Mundo do Espetáculo

É fato que o capitalismo é um sistema bastante divulgado, exaltado e permeado de análises diversas. Ainda que haja um desconhecimento de seu funcionamento e de suas definições, mesmo quem não ouviu falar desse modo de produção econômica ao menos participa das atividades incorporadas por ele, direta ou indiretamente.

Seja na escola, nos noticiários de tevê ou pela internet, as discussões em torno de seus muitos sentidos são amplamente debatidas e, apesar de existirem posições que aderem ou refutam o sistema capitalista; há ainda pouca compreensão de seu processo e de suas consequências, como no caso da massificação ideológica em âmbito global.

A internet não é o único mecanismo vigente, mas acelerou em escala desmesurada a percepção do consumo, da alienação e do desenvolvimento de um mundo espetaculoso pautado na perfeição e exposição de felicidade. Nunca aparentamos ser tão felizes e, ao mesmo tempo, em nenhuma outra época se consumiu tantos medicamentos para depressão e ansiedade como na atualidade.

Segundo a pesquisa feita pela Organização Mundial da Saúde, em novembro de 2023, divulgada pelo Senado Federal, uma a cada oito pessoas vive com alguma doença ou transtorno mental no mundo. Ansiedade e depressão representam 60% dos casos.

No Brasil, historicamente, observam-se intensas formas de exploração do trabalho e precarização ilimitada, cujas consequências sociais são profundamente perversas. Ricardo Antunes (2022, p. 8) destaca que, no final de 2019, antes da pandemia de COVID-19, mais de 40% da classe trabalhadora brasileira vivia na informalidade. Paralelamente, milhões de trabalhadores passaram a integrar o que ele denomina como a “uberização” do trabalho, desempenhando funções em aplicativos e plataformas digitais sob condições precárias, celebradas por muitos como um modelo inovador de empreendedorismo. Essa dinâmica, no entanto, esconde um ambiente marcado pela subutilização, terceirização, intermitência e pela intensificação do desemprego em diversos setores do mercado de trabalho.

Além disso, essa precarização é intrinsecamente conectada ao capitalismo global, que, segundo Milton Santos (2001), atinge seu ápice com a globalização. Esse fenômeno constitui uma interconexão complexa e multifacetada, integrando as sociedades em níveis econômico, político, cultural e social. A partir da década de 1980, verifica-se uma ruptura com as fronteiras tradicionais, caracterizada pela intensificação dos fluxos de informações, mercadorias e capital, promovendo, ao mesmo tempo, novas formas de dependência e desigualdade no sistema global.

Assim, o capitalismo, ao criar falsas necessidades e priorizar o lucro, intensifica o processo de produção em larga escala sem considerar o bem-estar dos indivíduos. Essa lógica perpetua a precarização das relações de trabalho, consolidando um cenário de profunda desigualdade e exploração em praticamente todos os espaços laborais.

Essa economia se baseia na exploração da força de trabalho e mecanização dos processos de produção. Nesse prisma, surgem dois elementos importantes a serem analisados: a mão de obra humana e a mercadoria.

Segundo Karl Marx,

A mercadoria é um objeto produzido pelo trabalho humano, que é trocado por seu produtor em vez de ser por ele consumido e que, por suas propriedades, satisfaz às necessidades humanas de qualquer natureza, diretamente como meio de subsistência ou indiretamente como meio de produção (Marx, 2014, p. 15).

Dessa maneira, a mercadoria deveria se basear em sua utilidade, o que conferiria a ela o seu valor, pois mercadorias de distintas naturezas são trocadas em diferentes proporções, e para que isso fosse possível, era preciso haver uma substância comum mensurável entre elas. Marx, então, busca investigar qual seria essa substância, propondo algumas possibilidades. Segundo ele, no progresso da produção civilizada, foi possível observar “a troca em maior proporção dos objetos de primeira utilidade, por objetos de menor utilidade” (Marx, 2014, p. 17), o que relativiza a ideia anterior de “utilidade” determinante do valor de uma determinada mercadoria.

Nesse sentido, “além da utilidade, as mercadorias só têm uma única outra propriedade comum: todas são produtos do trabalho humano, pois sua criação necessitou de um dispêndio de força humana” (Marx, 2014, p. 17). Essa “força de trabalho” que o homem vende ou deixa ser comprada é, segundo o autor, a única que cria valores, e as mercadorias só são consideradas valores porque contêm trabalho humano. Assim sendo:

Antes de entrar na troca, a mercadoria já é um valor, isto é, um acumulador de força humana, e ela só é trocada porque é um valor. A água de um rio e o ar atmosférico, ainda que indispensáveis à vida, não são valores porque não contêm trabalho humano. Mas, incorporando-se trabalho humano ao ar, comprimindo-o, e à água, transportando-a a uma casa ou ao Saara, imediatamente a água e o ar se tornam valores e passam a ser permutáveis (Marx, 2014, p. 17-18).

Desse modo, a partir de uma perspectiva marxista, o capitalismo se baseia na exploração dessa força de trabalho, cujo valor é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para a sua produção. O trabalhador, ao não possuir os meios de produção, vende sua força ao capitalista (dono dos meios de produção) que se apropria do valor excedente gerado, resultando na exploração do trabalhador.

Por outro lado, existem ideias de economistas liberais que se opõem totalmente a esse tipo de abordagem. Adam Smith, por exemplo, argumenta que o capitalismo não é intrinsecamente explorador e que a exploração ocorre por escolhas morais individuais, não por uma necessidade do sistema. Segundo ele, em um mercado livre, os empregadores e os trabalhadores negociam salários e condições de trabalho em um sistema de troca voluntária, onde ambas as partes podem se beneficiar (Smith, 1996. p. 160).

Como é possível observar, a visão empregada por Adam Smith é oposta à expressa por Marx e, em nossa concepção, distante da realidade. Isso porque, desde suas origens, o capitalismo se sustenta na exploração e na desigualdade social como ferramenta para o controle. Há a exploração individual por parte dos detentores dos meios de produção, mas não é a única característica dominante no sistema.

O operário, no desenvolvimento da Revolução Industrial, trabalhava por horas ou turnos, em uma jornada insalubre, aceitando castigos e multas com os quais os patrões impunham suas ordens, aumentando significativamente seus lucros. Somado a isso, os trabalhadores recebiam valores insignificantes para a sua subsistência, sem permissão de descanso e formas de direitos trabalhistas, férias ou qualquer outra atividade para o seu bem-estar (Hobsbawm, 1991, p. 148).

É nesse contexto, inclusive, que surgiram práticas conhecidas como sabotagem, eclodindo com a revolução social, caracterizada por levantes populares nas fábricas. Ainda conforme Hobsbawm, o descontentamento advinha tanto da população pobre como da classe dos pequenos comerciantes. Sem saída, reagiram ao novo sistema destruindo as máquinas das indústrias, culpabilizando-se pela crise instaurada (Hobsbawm, 1991, p. 28).

Na obra *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo* (2011), Hobsbawm explora o papel da economia de mercado inglesa na expansão das manufaturas e na urbanização. Segundo ele, o mercado encontrava-se amplamente consolidado e integrado em sua relação com o consumo das chamadas manufaturas nacionais e o comércio internacional como fator crucial para

a revolução. Assim como Marx, a visão de Hobsbawm também se volta para essa importante atividade comercial, com acréscimos no acúmulo de capital e geração de lucro.

Nessa conjuntura, o que se pode constatar é que as desigualdades sociais, apesar de estarem muito presentes atualmente, não surgiram na atualidade, pelo contrário, são o reflexo de um sistema banhado na hierarquia entre o explorador e o explorado. Com a passagem para o século XXI, novas maneiras de organização do sistema e do poder mundial surgiram, estabelecendo relações ainda mais profundas com vários aspectos atrelados às suas transformações, tais como a globalização, as tecnologias e as novas configurações do mercado. Conforme Zygmunt Bauman:

Em primeiro lugar, num planeta atravessado por “autoestradas da informação”, nada que acontece em alguma parte dele pode de fato, ou ao menos potencialmente, permanecer do “lado de fora” intelectual. Não há terra nulla, não há espaço em branco no mapa mental, não há terra nem povo desconhecidos, muito menos incognoscíveis. A miséria humana de lugares distantes e estilos de vida longínquos, assim como a corrupção de outros lugares distantes e estilos de vida longínquos, são apresentadas por imagens eletrônicas e trazidas para casa de modo tão nítido e pungente, vergonhoso ou humilhante como o sofrimento ou a prodigalidade ostensiva dos seres humanos próximos de casa, durante seus passeios diários pelas ruas das cidades (BAUMAN, 2021, p. 11)

Essa nova conjuntura, segundo Bauman, pressupõe a exclusão dos espaços vazios. Não existe terra nula, na qual as redes não possam chegar, nem recantos sobre os quais a informação não incorpore a abertura de um mundo dito global.

Por outro lado, Yuval Harari, em sua obra *Homo Deus: Uma breve história do amanhã* (2016), reflete sobre a nova era de incorporação da tecnologia, marcada pela manipulação do ser humano em benefício das grandes corporações e de interesses políticos. Segundo o autor, a dependência tecnológica deu origem ao sistema que transforma os dados gerados nas redes sociais em uma poderosa ferramenta de controle. A cada interação digital, alimentamos essa estrutura, permitindo que o capitalismo de vigilância prospere e consolide seu domínio sobre nossas vidas.

Paralelamente, Aldous Huxley, em *Admirável Mundo Novo*, apresenta uma visão distópica de uma sociedade dominada pela tecnologia, onde as pessoas, criadas em laboratórios, dependem da “soma” — uma droga que elimina sentimentos negativos e insatisfações — para alcançar uma felicidade artificial. Essa realidade literária não parece distante do mundo contemporâneo, onde buscamos formas de escapar de nossa própria insatisfação. Entre consumos incessantes e a reafirmação de uma felicidade ilusória por meio de “storys” e postagens nas redes sociais, vivemos uma utopia superficial que mascara desigualdades e vazios existenciais.

Nesse contexto, o mundo contemporâneo se encontra em uma encruzilhada. Por um lado, a globalização proposta por Milton Santos poderia trazer a redução das desigualdades sociais e uma nova solidariedade entre os povos. Por outro, seguimos perigosamente rumo ao “admirável mundo novo” de Huxley, no qual o controle tecnológico e o consumo desenfreado alimentam uma sociedade alienada, manipulada e desprovida de humanidade. A resposta a essa questão moldará o futuro das relações humanas no século XXI.

Conclusão

Através desse estudo foi possível observar como o desenvolvimento da globalização, sobretudo a partir de 1980, afetou o mundo contemporâneo em um contexto global diretamente atrelado ao sistema capitalista. As análises desse processo revelam um paradoxo entre conectividade crescente e o aprofundamento das desigualdades sociais, já que enquanto a globalização promoveu avanços tecnológicos, as desigualdades sociais não apenas persistiram, mas se aprofundaram, criando formas de exclusão.

A emergência da internet e as mudanças nas dinâmicas de poder entre nações transformaram a sociedade em um espaço interconectado, reduzindo barreiras geográficas em favor de fluxos contínuos de informações, capitais e culturas. Entretanto, essa conectividade não

superou desigualdades estruturais, mas reforçou hierarquias e exclusões, especialmente pela amplificação do consumo e pela centralidade das redes sociais como engrenagens do capitalismo.

Autores como Nicolau Sevcenko (2001) e Zygmunt Bauman (2021) abordam essas transformações ocorridas no último quartel do século XX e começo do século XXI. Sevcenko utiliza a metáfora da montanha-russa para ilustrar as transições históricas até a revolução tecnológica, mostrando como o progresso é acompanhado por incertezas e desigualdades. Já Bauman, ao discutir a modernidade líquida, aponta como a globalização amplia a separação entre poder e política, criando um mundo instável e precário, onde as barreiras sociais são frequentemente reforçadas em vez de superadas.

Milton Santos (2005) contribui com uma visão crítica, classificando a globalização como fábula, perversidade e possibilidade. Ele identifica o processo como uma construção desigual, dominada por atores econômicos poderosos que concentram riqueza enquanto marginalizam grande parte da população global. Suas reflexões enfatizam como a aceleração tecnológica intensifica as desigualdades, gerando um mundo caracterizado pela vertigem e pela instabilidade.

Na perspectiva de Karl Marx (2014), o capitalismo, sustentado pela exploração do trabalho humano, transforma a mercadoria em um elemento central do sistema. Essa mercadoria, além de sua utilidade, carrega um valor produzido pelo trabalho humano, criando uma relação desigual entre capital e trabalho e promovendo a concentração de riqueza. Marx também destaca o caráter expansivo e destrutivo do capitalismo, que busca constantemente novos mercados, aprofundando desigualdades.

Max Weber (2004), em contraponto, adiciona uma dimensão cultural ao debate, destacando que o capitalismo também se apoia em valores religiosos e culturais, como os promovidos pela ética protestante. Ele argumenta que a racionalidade econômica e o impulso para o lucro não apenas moldam a economia, mas também as subjetividades e os modos de vida, conectando cultura e economia de forma intrínseca.

No cenário atual, as redes sociais e a internet intensificaram a lógica capitalista, promovendo a mercantilização da atenção e da felicidade. Esse ambiente alimenta um ciclo de consumo e validação social, onde a busca por likes e visualizações sustenta desigualdades e exclusões. A felicidade é transformada em um produto idealizado, e o consumo se torna a principal via de pertencimento em um sistema profundamente desigual.

Portanto, o capitalismo e a globalização não podem ser vistos como processos neutros, mas como dinâmicas intrinsecamente ligadas a disputas de poder e exclusões. Acreditamos que as investigações futuras devem abordar como as novas tecnologias e dinâmicas sociais podem moldar as relações de poder, bem como propor alternativas para um mundo mais justo e inclusivo.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CHALHOUB, Sidney. Entrevista concedida a Manuel Alves Filho. A meritocracia é um mito que alimenta as desigualdades. *Jornal Unicamp*, Campinas, 2017.

HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HOBBSAWM, Eric. *Da Revolução Inglesa ao Imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HARARI, Y. N. *Homo Deus – Uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). População em situação de rua: diagnóstico e características socioeconômicas. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 21 nov. 2024.

KARL, Marx. *O Capital*: extratos por Paul Lafargue. São Paulo: Veneta, 2014.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA (MDHC). Levantamento sobre violência contra pessoas em situação de rua. Disque 100, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh>. Acesso em: 21 nov. 2024.

MANDELA, Nelson. *Long Walk to Freedom*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SANTOS, Milton. *O mundo global visto do lado de cá*. Brasil: Caliban Produções Cinematográficas, 2005.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o Século XXI: No Loop da Montanha Russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Senado.Leg.Br. “Ansiedade e depressão são os principais vilões da saúde mental”. *Senado Federal*, 24 de maio de 2024, ww12. [senado.leg.br/institucional/sis/noticias-comum/ansiedade-e-depressao-sao-os-principais-viloes-da-saude-mental](https://www.senado.leg.br/institucional/sis/noticias-comum/ansiedade-e-depressao-sao-os-principais-viloes-da-saude-mental)

TRIGO, Telma Ramos; TENG, Chei Tung; HALLAK, Jaime Eduardo Cecílio. Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. Burnout syndrome and psychiatric disorders. *Revisão da Literatura*. Recebido em: 13 ago. 2006. Aceito em: 17 jan. 2007.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Artigo Submetido em: 11 de julho de 2024



Aceito para publicação em: 02 de abril de 2025